

Trabalho cultural e subsunção do trabalho intelectual: diálogos com Alfred Sohn-Rethel e Sérgio Ferro, a partir de Marx¹

Verlane Aragão Santos²

Resumo: O presente artigo tem como proposta explorar os argumentos desenvolvidos por Alfred Sohn-Rethel em seu texto “Trabalho Espiritual e Corporal. Para a Epistemologia da História Ocidental” (1950), que são recuperados por César Bolaño (2002) no debate sobre a acumulação primitiva do conhecimento e os limites da subsunção real do trabalho intelectual, colocando-os em diálogo direto com as observações levantadas por Sérgio Ferro, em seu livro “Artes Plásticas e Trabalho Livre”, de 2015. O objetivo geral é discutir o caráter do trabalho cultural no processo de constituição das forças produtivas capitalistas, entre os séculos XV e XVIII, e seu desenvolvimento - articulando as categorias de subsunção formal e subsunção real expostas por Marx (s.d.) -, que desembocarão no contexto atual nas transformações relativas à Terceira Revolução Industrial e às mudanças nas relações sociais de produção correspondentes às atividades artísticas.

Palavras-chave: trabalho cultural; subsunção do trabalho intelectual; Alfred Sohn-Rethel; Sérgio Ferro; artes plásticas.

Abstract: This article aims to explore the arguments developed by Alfred Sohn-Rethel in his text "Spiritual and Bodily Work. For the Epistemology of Western History" (1950), which are recovered by César Bolaño (2002) in the debate on the primitive accumulation of knowledge and the limits of the real subsumption of intellectual work, putting them in direct dialogue with the observations raised by Sérgio Ferro, in his book "Artes Plásticas e Trabalho Livre", 2015. The general objective is to discuss the character of cultural work in the process of constitution of capitalist productive forces, between the fifteenth and eighteenth centuries, and their development - articulating the categories of formal subsumption and real subsumption exposed by Marx (s.d.) -, which will end in the current context in the transformations related to the Third Industrial Revolution and the changes in the social relations of production corresponding to artistic activities.

Keywords: cultural work; subsuming intellectual work; Alfred Sohn-Rethel; Sergio Ferro; fine arts.

Introdução

O presente artigo tem como proposta explorar os argumentos desenvolvidos por Alfred Sohn-Rethel em seu texto “Trabalho Espiritual e Corporal. Para a Epistemologia da História Ocidental” (1950)³, que são recuperados por César Bolaño (2002) no debate sobre a acumulação primitiva do

¹ Este artigo é um dos resultados de pesquisa de pós-doutorado, intitulada “A centralidade do trabalho cultural no capitalismo contemporâneo: das especificidades do trabalho concreto aos limites da subsunção real do trabalho intelectual”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Economia Política Mundial (PPGEPM), na UFABC, sob supervisão do Prof. Dr. José Paulo Guedes Pinto.

² Professora do Departamento de Economia, do Programa de Pós-Graduação em Economia (PROPEC) e em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e integrante do grupo OBSCOM/CEPOS.

³ Utilizaremos a tradução de Cesare Galvan para o português, de 1989, do original em alemão.

conhecimento e os limites da subsunção real do trabalho intelectual, colocando-os em diálogo direto com as observações levantadas por Sérgio Ferro, em seu livro “Artes Plásticas e Trabalho Livre”, de 2015. O intuito é lançar luz sobre aspectos que, sem desconsiderar as transformações que o capitalismo vem sofrendo recentemente e as particularidades que os processos que lhe são congêneres guardam, estariam no fundamento da contradição que torna o sistema a expressão e a possibilidade de sua própria superação.

Nas últimas cinco décadas, se considerarmos a crise estrutural dos setenta, o capitalismo tem apresentado um quadro reconfigurado da relação capital/trabalho. A partir de categorias marxianas, é possível apontar dois aspectos que consideramos centrais no processo geral de reestruturação do sistema: o primeiro refere-se ao avanço do processo de subsunção real, colocando no limiar das possibilidades de substituição de trabalho vivo por trabalho morto atividades caracterizadas pelo conhecimento, a criatividade e a cultura, do chamado trabalho intelectual (criativo, cultural, artístico)⁴. O segundo aspecto, organicamente vinculado ao anterior, diz respeito ao papel central que o trabalho cultural passa a ter na atual dinâmica de acumulação e de geração de valor, no interior do desenvolvimento de um conjunto variado de indústrias culturais, como de um conjunto diversificado de setores econômicos, para os quais o nosso olhar interessado e crítico deve se voltar, buscando identificar formas novas ou renovadas de apropriação do trabalho.

Tomando o observado acima como pressupostos de compreensão do contexto geral que vivemos, o objetivo aqui é discutir o caráter do trabalho cultural no processo de constituição das forças produtivas capitalistas, entre os séculos XV e XVIII, e seu desenvolvimento - articulando as categorias de subsunção formal e subsunção real expostas por Marx (s.d.) -, que desembocarão no contexto atual nas transformações relativas à Terceira Revolução Industrial e às mudanças nas relações sociais de produção correspondentes às atividades artísticas.

As elaborações desenvolvidas compõem parte de um projeto com arco de objetivos maior, voltado à centralidade do trabalho cultural nas condições atuais de desenvolvimento do capitalismo, mas que no limite do proposto não abarcará os debates sobre os mercados culturais hoje. Tais objetivos deverão ser contemplados em outros artigos que já estão em preparação para posterior publicação. Assim, o escopo deste artigo se circunscreve a trazer à tona as contribuições dos autores supracitados, tendo em perspectiva o seguinte pressuposto: no percurso do capital em busca de tornar trabalho humano redundante, há dois prontos inflexivos, um de partida e outro de chegada. O de partida corresponde ao exemplo que discutiremos aqui de insubordinação das artes plásticas aos

⁴ A literatura marxista no Brasil tem debatido vários aspectos relacionados a esse processo, como Bolaño (2002; 2023 (capítulo 1, deste livro)), Prado (2005), Prado & Pinto (2014). Estas referências, por sua vez, tem como bases teóricas e epistemológicas Fausto (1988), no caso dos últimos autores, Sohn-Rethel (1995), no caso de César Bolaño.

primeiros avanços da lógica do capital e, o de chegada, os limites ao avanço desta mesma lógica em direção ao trabalho intelectual, no âmbito das transformações atuais.

Como esclarecimento, informamos que o trabalho cultural é tomado sob três perspectivas, a saber: a) a homologia entre os conceitos de trabalho e cultura, a partir de uma perspectiva materialista e ampliada do próprio conceito antropológico de cultura; b) a correspondência do trabalho cultural com os trabalhos denominados como intelectual, artístico e criativo, e; c) o enfoque às mudanças no trabalho em geral e do trabalho nas artes plásticas, em particular, na passagem do artesanato à manufatura, ou seja, da forma não capitalista para uma forma capitalista de produção, com consequências sobre o momento ulterior da passagem à grande indústria.

O artigo contém quatro partes, incluindo esta introdução e as conclusões. Na parte dois, buscamos apontar a importância de Alfred Sohn-Rethel dentro do pensamento marxista, inclusive no interior da Escola de Frankfurt, no debate sobre o trabalho, na perspectiva de sua centralidade e do desenvolvimento da separação entre trabalho manual e trabalho intelectual. Em seguida, trazemos o exemplo das artes plásticas exposto e problematizado por Sérgio Ferro, autor brasileiro de matiz marxista. Ferro aponta, para o momento que corresponde à transição às formas capitalistas de subordinação do trabalho, para as especificidades que as artes plásticas irão assumir, baseadas na manutenção do controle do processo de trabalho e da distinção do trabalho concreto. Nesta parte do capítulo – como nas conclusões - fazemos dialogar as proposições dos dois autores – Sohn-Rethel e Ferro -, no sentido de identificar a preocupação de ambos nos termos da crítica e superação da ontogênese do capital.

A disjunção trabalho intelectual e trabalho manual⁵: Sohn-Rethel e a questão do trabalho no interior do marxismo

Um desafio posto à primeira geração da Escola de Frankfurt, exposto no discurso de Max Horkheimer ao assumir a direção do “Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt”, em 1931, era o de desenvolver no âmbito de suas contribuições a economia política, enunciando assim um compromisso com o legado de Marx à crítica da forma societal capitalista, a partir do materialismo histórico, em um programa de investigação voltado para a crítica da ideologia (SLATER, 1978). De logo, o conceito de Indústria Cultural, como processo de produção, distribuição e consumo de mercadorias culturais, denunciava a compreensão da totalidade do fenômeno a ser abarcado e os pressupostos da análise marxiana de crítica da economia política, de desvendar o mascaramento que a lógica do capital

⁵ Aqui utilizaremos, acompanhando as expressões em alemão utilizadas por Sohn-Rethel, indistintamente as expressões em português manual, corporal, físico, do mesmo modo, intelectual, espiritual, mental. Cabe observarmos que foi o professor Cesare Galván que nos fez atentar para esse fato, a quem agradecemos não só o esclarecimento, mas de também nos servir de importante referência para o pensamento de Sohn-Rethel e do próprio Marx.

impunha sobre as relações sociais de produção. Neste contexto, coube a Sohn-Rethel trazer à baila o problema do trabalho, central na obra de Marx.

Phil Slater, em seu livro “Origem e significado da Escola de Frankfurt: uma perspectiva marxista”, publicado originalmente em 1976, em inglês, assim situa a contribuição de Sohn-Rethel em relação ao legado de Frankfurt:

[O que se pretende é tematizar as insuficiências da “teoria crítica da sociedade”⁶. Isso pode ser desenvolvido remetendo-nos a] Alfred Sohn-Rethel, teórico da mesma geração da equipe de Horkheimer, mas que seguiu um caminho bem diferente da Escola de Frankfurt. Sohn-Rethel manteve contatos pessoais com Benjamin e Adorno, e, segundo ele próprio admitiu, foi grandemente influenciado por Horkheimer e Marcuse. Também afirmou que “num certo sentido” se considera um elemento da Escola de Frankfurt. Mas num sentido decisivo, não. Ao contrário, seu trabalho teórico levou-o por uma direção que o ajudou a transcender as fraquezas fundamentais da “teoria crítica da sociedade”. A teoria de Sohn-Rethel aparece de uma forma madura na década de 1970, incluindo uma tentativa séria de proporcionar uma análise materialista histórica da natureza específica da exploração capitalista em sua fase *monopolista*, junto com uma crítica marxista à URSS e, finalmente, um conceito de emancipação completa (SLATER, 1978: 126).

A utopia de uma *emancipação (humana) completa* não poderia estar dissociada da compreensão do processo histórico em sua etapa primordial na transição das forças produtivas pré-capitalistas às capitalistas, que tem lugar na Europa Ocidental na medida em que as manufaturas se estabelecem como forma de organizar a produção e o trabalho, baseadas na separação entre produtor direto, de um lado, e proprietário dos meios de produção, de outro, antes indissociáveis na figura do artesão, e a divisão do trabalho, sendo aquela separação aspecto fundante deste último fenômeno. Neste momento, lembrando Marx, estabelece-se um tipo específico de subsunção do trabalho no capital, a formal. O contrato de compra e venda da força de trabalho, como mercadoria intercambiável e que passa a ser subordinada às ordens do capitalista, e com ele a alienação do trabalhador no interior do processo produtivo se estabelecem, garantido as condições para a extração de mais valia absoluta.

Na manufatura, ainda é necessário acompanhar o ritmo do trabalhador, contudo, a divisão do trabalho e a especialização aí presentes configuram as premissas para que a força motriz não humana se estabeleça, gestada pelo aumento da produtividade do trabalho alavancada com a introdução de maquinaria, possibilitando extração de mais valia sob a forma relativa, ou seja, da subsunção real do trabalho no capital.

⁶ Não se pretende aqui, até por falta de espaço, apresentar e argumentar sobre os limites da “teoria crítica da sociedade”, remetendo a quem interessar o próprio livro de Phil Slater. Entretanto, como somos mais afeitas ao legado essencial da Escola de Frankfurt à Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (EPC), o que se busca aqui é realçar o papel fundamental de Sohn-Rethel para um tema e uma categoria basilar da análise de Marx.

Ao articular diretamente Sohn-Rethel e Marx, Slater (1978) identifica os elementos ontogênicos na conformação do processo de trabalho no interior da lógica capitalista, apontando inclusive para a necessidade de sua dissolução nos marcos da construção da sociedade comunista, da sociedade sem classes.

Um dos fenômenos cruciais que Sohn-Rethel reexaminou foi a divisão do trabalho, principalmente a separação entre trabalho mental e manual. Para Marx, essa superação (sic) foi a primeira verdadeira divisão de trabalho. Desse modo, quando ele enfatizou como uma condição *sine qua non* da “fase superior da sociedade comunista” o desaparecimento da “subordinação escravizante do indivíduo à divisão do trabalho”, acrescentou que, “logo em seguida, também a antítese entre trabalho mental e físico” terá “desaparecido”. É por isso que a produção numa sociedade sem classes, embora permaneça uma necessidade, envolverá uma nova liberdade: “A liberdade nesse campo só pode consistir no homem socializado, nos produtores associados, regulando racionalmente seu intercâmbio com a Natureza, colocando-a sob seu controle comum, ao invés de serem dominados por ela, como pelas forças cegas da Natureza”. **Assim sendo, a liberdade não é meramente a transcendência do processo de trabalho, mas um aspecto deste último. O controle mental sobre o processo de trabalho deve ser reapropriado pelos trabalhadores: essa é a base econômica da sociedade sem classes** (SLATER, 1978: 128) (destaques nossos)⁷.

Uma distinção necessária às nossas especulações é realizada por Sohn-Rethel entre *sociedade de produção* e *sociedade de apropriação*, sendo a primeira base da segunda. A separação entre mão e cabeça vai se constituindo ao longo do processo de desenvolvimento das forças produtivas como um elemento próprio da divisão do trabalho nas suas diversas modalidades e que alcança um nível avançado de existência nas sociedades de apropriação do tipo capitalista. A apropriação por parte do capital das condições técnicas – e com ela do *savoir faire* – permitirá estabelecer a subsunção material da classe trabalhadora, de uma *subsunção por imposição do conhecimento*, como proposto e elaborado por Herrera-Jaramillo e Bolaño (2019), sendo este processo a marca da passagem do predomínio do capital comercial, da fase de “acumulação primitiva do conhecimento” (BOLAÑO, 2002), para a do capital industrial.

Nos termos de Sohn-Rethel (1995: 39):

[...] Se uma sociedade obtém a forma de sua síntese no processo de produção – portanto deriva sua ordem determinante diretamente do processo de trabalho da atividade humana na natureza –, então ela é sem classes (ou pelo menos tem essa possibilidade). Uma tal sociedade pode se denominar, de acordo com sua determinação estrutural, *sociedade de produção*. [...] **A característica comum de todas as sociedades de apropriação é uma síntese social através das atividades, que por sua índole são distintas e temporalmente separadas do trabalho que produz os objetos de apropriação.** Não é necessário sublinhar que nenhuma formação social (baseada na produção ou na apropriação) se pode compreender sem considerar o estado respectivo das forças de produção.

⁷ As citações literais no interior do texto de Slater correspondem a passagens da *Ideologia Alemã* (Marx & Engels), *Crítica ao Programa de Gotha* (Marx) e *O Capital: crítica da economia política* (Marx).

[...] **uma síntese social nas formas de apropriação recíproca da troca de mercadorias leva ao surgimento de trabalho intelectual em nítida separação do trabalho manual.** (destaques nossos)

Como assente Bolaño (2002), foi Sohn-Rethel dentro do pensamento marxista que melhor expôs o processo de separação entre trabalho manual e trabalho intelectual e, recorrendo à apresentação de Cesare Galvan à tradução em português, aponta o fato de que a distinção corresponde à constituição de um setor específico, o da ciência moderna, convertendo o conjunto das atividades produtivas palco primordial do trabalho manual. Tais desdobramentos acontecem na esteira do processo de subsumção real do trabalho no capital (MARX, s.d.), decorrente da passagem da manufatura à grande indústria, alterando a força motriz da produção que, sob a forma anterior baseava-se no controle do ritmo da atividade imposto pelos trabalhadores. Entretanto, o que o avanço do capitalismo promove é a especialização das atividades científicas, como exige o controle destas, dado especialmente pelo Estado, subordinando trabalho intelectual (GALVAN, 1986).

Lembremo-nos a partir da própria definição universal do trabalho realizada por Marx de que não é possível distinguir a ação humana, como dispêndio de energia vital, em por um lado de caráter manual e de outro do mental, na perspectiva inclusive da tautologia da atividade do trabalho, o que torna o homem diferente de uma abelha, como aparece no exemplo clássico dado no O Capital. Mas, somente, nas formas avançadas das forças produtivas, nas formas especificamente capitalistas de produzir, como observou Marx, a síntese social das sociedades de apropriação sedimenta a separação, na medida, pois, que o trabalho é cada vez subsumido de forma real no capital.

O predomínio do capital industrial, em relação ao momento anterior, de predomínio do capital comercial, e isso valeria para as condições atuais da hegemonia rentista, coloca no centro da questão o problema do valor, de sua geração/criação a partir de trabalho humano, entretanto subsumido no capital em termos reais, já que a grande indústria possibilita sua subordinação ao ponto de “Enquanto o trabalho em máquinas agride o sistema nervoso ao máximo, ele reprime o jogo polivalente dos músculos e confisca toda a livre atividade corpórea e espiritual” (MARX, 1988: vol. 2, p. 55).

Coube ao capital industrial realizar a revolução do modo de produção, através de um duplo movimento: por um lado, a desapropriação do conhecimento dos artesãos e, por outro, a sua articulação com o conhecimento decorrente do desenvolvimento científico que se dava no campo propriamente intelectual. **A Revolução Industrial significa também, na verdade, uma revolução na relação entre poder e conhecimento, ao colocar em primeiro plano o elemento empírico e pragmático extraído do conhecimento usurpado à classe trabalhadora artesã.** Isso implica uma transformação da forma de pensamento, com repercussões fundamentais sobre as ciências, a tecnologia e a filosofia, e cujas raízes intelectuais remontam, como mencionei, citando Le Goff, ao século XII e não apenas ao Renascimento, sendo crucial também para a construção de uma nova estrutura de poder em que a relação

do trabalho intelectual com o capital tornar-se-á cada vez mais intestina (BOLAÑO, 2002: 65). (destaques nossos).

A partir da correspondência que indicamos entre trabalho intelectual, criativo, cultural e artístico, aportamos nossas inquietações sobre a separação entre mão e cabeça, apontada por Sohn-Rethel, como aspecto ontogênico primordial que permitiu ao capital avançar sobre o trabalho, através de intensiva dinâmica tecnológica acompanhada por processos de organização laboral que permitem o controle cada vez mais amplo pelo capitalismo sobre as forças criativas e criadoras da classe trabalhadora. A arte como trabalho deve ser o ponto de partida inicial que permite, na observância desse setor de produção humana, material e simbólica da vida, identificar possibilidades de insubordinação no e ao capital. O exemplo das artes plásticas, apontado por Ferro (2015), como uma linha fora do traçado, é o que vamos explorar a seguir.

As “artes plásticas” como contraposição do processo de subsunção? Sérgio Ferro e suas digressões sobre o trabalho livre

Dentro da tradição marxista, Ferro (2015) avança em direção à análise do trabalho dos artistas, estabelecendo um ponto de observação singular: o processo de trabalho⁸ (MASCARO, 2017). Sérgio Ferro orienta nosso olhar para aquele ponto de distinção das artes plásticas em relação às consequentes transformações produtivas para formas próprias capitalistas e assim em direção ao processo de subsunção do trabalho humano, fundamental para traduzir trabalho concreto em trabalho abstrato, identificando limites à subsunção postas naquele momento histórico, anterior mesmo a efetivação por parte do capital, em condições sociais e técnicas que só estarão figuradas com a Revolução Industrial do final do século XVIII. Demanda-se, assim, o tratamento da arte no âmbito das relações sociais de produção e, mais especialmente, como trabalho.

Nas abordagens prevaletentes nos estudos sobre a arte, Martins (2005) permite-nos identificar dentro de qual contexto mais amplo o recorte de Ferro se situa: de um lado, estão os que buscam estabelecer os cânones que definem o valor da arte como arte e, de outro, onde se filiaria nosso autor, aqueles que se baseiam nos processos de criação e produção artísticos, o que remeteria ao problema da arte como trabalho.

Isabelle Garo nos alerta em relação às preocupações presentes na obra de Marx, quando este trata da questão da arte:

⁸ Nesse sentido, destaca um aspecto central presente nas preocupações do próprio Sohn-Rethel, identificadas também em outro texto, incluído na coletânea *The Labour Process & Class Strategie*, de 1976, e retomado em debate mais recente dentro do marxismo, a exemplo dos textos de Ricardo Bellofiore (2019) e Guido Starosta (2013).

O problema de Marx quando aborda a questão da arte, portanto, não está na promoção de um modelo estético em si mesmo, mas de pensar a atividade artística como formadora do próprio homem, da mesma forma que o trabalho, mantendo seu caráter determinado⁹ (GARO, 2011:6).

E, mais adiante no mesmo texto, estabelece analogia direta entre a arte e o trabalho, pois, “A arte, como o trabalho, transforma o mundo exterior e elabora a matéria a partir de procedimentos técnicos que evoluem ao curso do tempo”¹⁰ (GARO, 2011: 7), em alusão às condições e ao nível de desenvolvimento das forças produtivas.

Ademais, vale observar que as preocupações desenvolvidas por Luis Renato Martins em seu texto se alinham àquelas observadas por Garo (2011), em identificar espaços de autonomia e liberdade em contraposição à lógica alienante da relação mercantil capitalista. Ferro (2015) configura como um tipo de trabalho livre, não na acepção dupla formulada por Marx, o que expunha um problema próprio da aparência do sistema, nos termos da igualdade formal da relação de troca de mercadorias escamoteando a exploração do trabalho no âmbito da produção, mas no sentido de que ao preservar espaços de autonomia/não subordinação ao capital em relação ao processo de trabalho, artistas como Dürer, a partir do *virtuosismo*, Da Vinci, com sua teoria e prática do *liso*, a denegação, e Michelangelo, com a *sprezzatura* ou *non finito* (FERRO, 2015), não só preservavam o domínio sobre o fazer, como em relação ao saber, dando às artes plásticas um exercício de ordem espiritual, intelectual, mental.

Martins (2005) dá pistas dessas possibilidades ao destacar a materialidade do processo produtivo, de uma distinção e especificidade, o que dialogaria diretamente com a argumentação trazida por Sérgio ferro, como nos remeteria ao debate da não redução do trabalho concreto no trabalho abstrato, evidenciado pelos estudos da Escola Francesa da Economia da Comunicação e da Cultura, baseados na unicidade da obra artística (BOLAÑO, 2000¹¹).

Aqui vale uma observação importante em relação às próprias noções de trabalho concreto e trabalho abstrato. De um lado, as especificidades dos diversos trabalhos concretos só traduzíveis numa única massa quando abstraídas as diferenças de qualidades e reduzidas ao elemento comum, o trabalho humano, quantificado em tempo médio socialmente necessário; de outro, a geleia do trabalho humano indiferenciado já exposta nas relações de troca, como valor de troca e signo monetário do

⁹ Tradução livre: Le problème de Marx lorsqu'il aborde la question de l'art n'est donc pas de promouvoir un modèle esthétique quel qu'il soit, mais de penser l'activité artistique comme formatrice de l'homme lui-même, au même titre que le travail, tout en maintenant son caractère déterminé.

¹⁰ Tradução livre: L'art, comme le travail, transforme le monde extérieur et élabore la matière selon des procédés techniques qui évoluent au cours du temps.

¹¹ No livro, oriundo da tese defendida em 1993, o autor desenvolve uma crítica à perspectiva francesa, o que não será explorado neste artigo.

valor. Enquanto trabalho concreto, útil, diferenciado, nos deparamos com os entraves ao capital em avançar no sentido de uma subordinação e de uma subsunção total do trabalho.

Na resenha de Roberto Schwarz sobre o livro de Sérgio Ferro, observa-se também a ênfase do estudo sobre o caráter material do trabalho, na busca pelos artistas da distinção de seus processos de trabalho, suas *marcas*, como aspecto contrastante à tendente alienação do trabalho em geral com o avanço do capitalismo. Assim,

... o anti-ilusionismo é apenas um aspecto do materialismo de Sérgio. O outro e principal é a articulação negativa, como se viu, do trabalho autodeterminado das artes plásticas ao trabalho heterônomo que nascia e seria uma das realidades centrais de todo o período capitalista até hoje¹².

E ainda, como fez Alisson Mascaro, aponta a distinção da contribuição do autor no âmbito do marxismo:

Para singularizar o trabalho de Sérgio no campo dos materialismos marxistas, digamos que estes costumam dar uma descrição ampla da pintura, escultura e arquitetura de um período e aproximá-las da história social correspondente. **Já Sérgio isola o impulso que lhe parece crucial e procura entendê-lo como a negação polêmica da viga mestra que sustenta a ordem econômico-social moderna. Em lugar do painel abrangente, que convida à contemplação, a busca da pedra angular, que permitiria derrubar o edifício.** Neste sentido, **as artes plásticas, cujo ânimo último estaria na emancipação do trabalho, seriam desde sempre um pressentimento da revolução**¹³. (Destaques nossos)

O próprio Sérgio Ferro assente às peculiaridades que estavam assumindo as artes plásticas, como “negação da subordinação do trabalho, para à qual se dirigiu pela força das coisas” (FERRO, 2015: 68). E retomando as observações de Slater (1978), expostas na seção anterior, um projeto de emancipação retirado da obra de Sohn-Rethel exige a retomada do controle, manual e intelectual, pelos trabalhadores do processo de trabalho e de produção.

Conclusões

A contradição básica – capital e trabalho - se traduz em termos do desenvolvimento das indústrias culturais na contradição economia e cultura, que só poderá ser apreendida identificando a relação indissociável entre ambos os termos, um não se define exclusivamente em relação ao outro no interior da lógica do capital, ou seja, como forma capital. O próprio exemplo das artes plásticas,

¹² Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/artes-plasticas-e-trabalho-livre/>. Acesso em: 27 de janeiro de 2023.

¹³ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/artes-plasticas-e-trabalho-livre/>. Acesso em: 27 de janeiro de 2023.

exposto por Ferro (2015) e destacado nas resenhas de Mascaro (2017) e de Schwarz (2015), e o desenvolvimento da forma comunicação do capital – a Indústria Cultural – no âmbito do capitalismo monopolista do século XX, revelará que perseguir os experimentos de fuga à lógica capitalista não poderá se valer de determinações mecanicistas, mas atentar de como estes experimentos poderão abrir espaço para construções sociais de ruptura, ou não, sendo elas próprias imanências da contradição do capital.

Nesse sentido, vale observar que a arte (as artes plásticas, em particular) garante sua autonomia em relação a outras formas de trabalho nos marcos do sistema liberal e burguês, não além dele, a partir de um conjunto de códigos de distinção, das relações íntimas dos mercados de artes com a especulação rentista, as mediações e agenciamentos de galerias e de formas de contratação que fogem ao assalariamento (como lembra Durán (2011) e que chegam a representar na atualidade o protótipo da tendência da flexibilização e precarização, assimiladas e promovidas pela ideologia do empreendedorismo (MENGER, 2001)), mas guarda na gênese, no processo de negação ao avanço das forças produtivas e formas de subordinação capitalistas o germe para a construção de um projeto alternativo.

Da contribuição de Alfred Sohn-Rethel, podemos retirar a necessidade de (re)apropriação por parte da classe trabalhadora das mediações técnicas, através do controle do processo de trabalho e do seu pleno conhecimento, superando a distinção primordial entre pé e cabeça, entre trabalho manual e trabalho intelectual. Foi esta a experiência vivenciada pelas artes plásticas no momento primordial, naquele ponto ontogênico do processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista, exposto e elaborado por Sérgio Ferro, e que pode e deve nos provocar inspirações e inquietações com vistas à crítica da atual configuração do sistema, preenhe mais uma vez de muitas contradições, tendo como centro da dinâmica e desses próprias contradições o problema do trabalho e as barreiras ainda existentes para sua subsunção.

A superação da lógica do capital implica a implosão da contradição, a constituição de outra forma societal, na direção da produção de outras subjetividades, autônomas e emancipadas. Prescrutar os fenômenos afeitos ao fazer artístico, relacionados diretamente às características que compõem o capitalismo do século XXI, a partir da recuperação da história das transformações primeiras de constituição do modo de produção, poderá nos ajudar a entender os limites e as possibilidades da teoria crítica e de uma ação política por ela orientada.

Referências

- BELLOFIORE, Ricardo. (2019). “The Adventures of Vergesellschaftung”. In.: **Consecutio Rerum**. Anno III, numero 5, pp. 503-540.
- BOLAÑO, César. (2002). “Trabalho intelectual, comunicação e capitalismo. A re-configuração do fator subjetivo na atual reestruturação produtiva”. **Revista Soc. bras. Economia Política**. Rio de Janeiro, nº 11, p. 53-78.
- _____. (2000). **Indústria Cultural, Informação e Capitalismo**. São Paulo: Hucitec/Pólis.
- DURÁN, José María. (2011). “Elementos para una Crítica de la Economía Política del Arte”. In.: **Revista Eptic**. Vo. XIII, n. 2.
- FAUSTO, Ruy. (1988) “A ‘Pós-Grande Indústria’ nos *Grundrisse* (e para além deles)”. **Lua Nova**. São Paulo, n. 19, p. 47-67.
- FERRO, Sérgio. (2015). **Artes Plásticas e Trabalho Livre**. De Dürer a Velazquez. São Paulo: Editora 34.
- GALVAN, Cesare. (1986). “Subsunção Real e História da Tecnologia”. In.: **Revista Ensaio**. São Paulo, n. 15/16, p. 267-279.
- GARO, Isabelle. (2011). “L’art comme activité: Marx et la critique de l’esthétique”. **Europe** nº 988-989, août-septembre.
- HERRERA-JARAMILLO, Mauricio; BOLAÑO, César. (2019). “Modos de vida, conocimiento y capitalismo en perspectiva histórico-estructural. Para una crítica de la comunicación para el desarrollo en América Latina”. In.: **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**. Número 52, pp. 98-122.
- MARTINS, Luiz Renato. (2005) “A Arte entre o trabalho e o valor”. **Revista Crítica Marxista**. São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.20, p.123-138.
- MARX, Karl. (1988). **O Capital**. Crítica à Economia Política. São Paulo: Nova Cultural. Vols. 1 e 2.
- _____. (s.d.) **Capítulo VI Inédito de O Capital**. Resultados do Processo de Produção Imediata. São Paulo: Editora Moraes.
- MASCARO, Alisson. (2017). “Sérgio Ferro: artes plásticas e capitalismo”. In.: **Revista Crítica Marxista**. São Paulo, n. 45, pp. 101-106.
- MENGER, Pierre-Michel. (2002). **Portrait de l’artiste em travailleur**. Métamorphoses du capitalisme. Paris: Éditions du Seuil et La République des Idées.
- PRADO, Eleutério. (2005). **Desmedida do valor**. Crítica da pós-grande indústria. São Paulo: Xamã.
- PRADO, Eleutério; PINTO, José Paulo. (2014). “Subsunção do trabalho imaterial ao capital”. **Cad. CRH on line**. vol.27, n.70, p.61-74.
- SCHWARZ, Roberto. (2015). “Artes plásticas e trabalho livre. Sérgio Ferro e a pedra angular do marxismo”. In.: **Revista Piauí**. Edição 104.
- SOHN-RETHEL, Alfred. (1995). **Trabalho Espiritual e Corporal**. Para a Epistemologia da História Ocidental. João Pessoa, Texto para Discussão No. 87. (Apresentação e tradução de Cesare Galván).
- _____. (1982). “A Economia Dual da Transição”. In.: **Processos de Trabalho e Estratégias de Classe**. São Paulo: Zahar Editores, pp. 42-68.
- SLATER, Phil. (1978). **Origem e significado da Escola de Frankfurt**. Uma perspectiva marxista. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- STAROSTA, Guido. (2013). “The System of Machinery and Determinations of Revolutionary Subjectivity in the Grundrisse and Capital”. In.: BELLOFIORE, R.; STAROSTA, G.; THOMAS, P.

D. (Eds.). **Marx's Laboratory. Critical Interpretations of the Grundrisse.** Leiden: Brill, pp. 233–264.